

# Paradigmas: reflexões em torno do tema<sup>1</sup>

Paradigms: reflections about the theme

Maria Alba Leite<sup>2</sup>  
Sônia Bastos Tentor<sup>3</sup>

LEITE, Maria Alba; TENTOR, Sônia Bastos. Paradigmas: reflexões em torno do tema. *Mimesis*, Bauru, v. 22, n. 3, p. 83-92, 2001.

## RESUMO

*Numa ótica autobiográfica (que me faculta o paradigma emergente) e multirreferencial (que me exige o paradigma clássico), parto de uma breve retrospectiva de fatos que me vêm à lembrança. Vejo alguns aspectos da realidade presente e, com outros atores, visualizo algumas perspectivas futuras. Nessa trajetória, revejo minimamente as conceituações de paradigma, algumas características que distinguem os clássicos dos emergentes e certas evidências da crise paradigmática. Detendo-me um pouco no cenário educacional, tento, apoiada nos mesmos sujeitos e em outros, obter um retrato (ainda que em preto e branco) da instituição escola. Encerro com a aspiração de obter uma imagem colorida, num futuro muito próximo.*

**Unitermos:** paradigmas, crise paradigmática, educação superior.

No paradigma emergente, o caráter autobiográfico e auto-referencial da ciência é plenamente assumido [...] Hoje não se trata tanto de sobreviver como de saber viver. Para isso, é necessária uma outra forma de conhecimento, um conhecimento compreensivo e íntimo que não nos separe e antes nos una pessoalmente ao que estudamos (Santos, 1997, p. 53).

É certo que a discussão sobre paradigma não é nova. Mas, é mais certo ainda, que a palavra PARADIGMA é campeã de presença na literatura contemporânea de praticamente todas as áreas, o que lhe tem rendido muito prestígio.

Isto, provavelmente, está ligado à necessidade urgente de reencarnar o mundo. Ele já não é mais o mesmo. Está se realinhando para se acomodar

1. Um mesmo olhar, a quatro mãos.

2. Diretora do Centro de Ciências Biológicas e Profissões da Saúde da Universidade do Sagrado Coração – Rua Irmã Armanda, 10-50 – 17011-160 – Bauru – SP.

3. Coordenadora Didática dos Cursos da Universidade do Sagrado Coração – Rua Irmã Armanda, 10-50 – 17011-160 – Bauru – SP.

dar à nova ordem. O milênio, também, já não é mais o mesmo. Eu já não sou mais a mesma. Mas, como olho o mundo, o tempo e a mim mesma com os mesmos olhos desde que nasci, é certo que o meu novo olhar carrega as visões anteriores que me fazem ver o novo de uma maneira única, digo, a partir do velho que mora em mim.

É explicável, portanto, que minha memória falhe. Ainda não está conectada em rede e, na impossibilidade de reter tudo, ela seleciona casuisticamente o que lembrar e o que esquecer e pode ser que, às vezes, invente, também.

Diz, muito pertinentemente, Morin (2000, p. 22):

Nossa mente, inconscientemente, tende a selecionar as lembranças que nos convêm e a recalcar, ou mesmo apagar, aquelas desfavoráveis [...]. Existem, às vezes, falsas lembranças que julgamos ter vivido, assim como recordações recalçadas a tal ponto que acreditamos jamais as ter vivido. Assim, a memória, fonte insubstituível de verdade, pode ela própria estar sujeita aos erros e às ilusões.

Feitas essas ressalvas, abro a janela para ver o “novo” e por ela assoma a nova sociedade da informação que recebe, processa e armazena milhões, bilhões de dados, possibilitando novas maneiras de trabalhar, de gerar conhecimentos e de superar os limites da nossa frágil memória particular.

Vejo novas exigências na formação profissional, pois o mercado cobra “qualidade total”, (que está longe de ser inocente e neutra), e é ferrenha a disputa entre humanos e máquinas, pelas vagas cada vez mais escassas.

Vejo a automação de processos na agricultura, no comércio, na indústria e a prestação de serviços aberta aos criativos, aos proativos, aos empreendedores. Ainda assim, vejo desemprego e recessão.

Vejo governos amarrados nas políticas neoliberais e com elas comprometidos até os dentes, enquanto fronteiras geopolíticas tombam, surgindo estados-nações, fortalecendo intercâmbios e fazendo emergir a linguagem universal.

Vejo o clamor pela justiça social que tarda e falta!

Vejo os transgênicos, os engenhos genéticos convivendo com a falta de pão nos lares (quando existem) e de analgésicos nos postos de saúde.

Vejo excesso de consumismo e um contingente excessivo de famintos. Porém, vejo o genoma decifrado e muitos que vêem as letras sem as decifrar.

Vejo o aumento dos níveis de escolarização caminhando *pari passu* com a desvalorização dos diplomas. Lógica cruel!

Vejo a imprescindibilidade da Ética sendo enfatizada e a sua observância, protelada...

Vejo o capital se acumulando ao som de discursos democratizantes... Vejo queda de regimes autoritários e ouvi falar muito de um menino naufrago que rendeu dividendos políticos. Falando em naufrago, a TV me

LEITE, Maria Alba;  
TENTOR, Sônia  
Bastos. Paradigmas:  
reflexões em torno  
do tema. *Mimesis*,  
Bauru, v. 22, n. 3, p.  
83-92, 2001.

LEITE, Maria Alba;  
TENTOR, Sônia  
Bastos. Paradigmas:  
reflexões em torno  
do tema. *Mimesis*,  
Bauru, v. 22, n. 3, p.  
83-92, 2001.

mostrou um submarino “no fundo do poço” e a falta de socorro porque convinha esconder. Vi, até, uma nau que não decolou! Que vexame!

Vejo que, no Oriente Médio, ainda se desconhece o sabor da Paz mas vejo, também, um Papa capaz de sobrepor a bondade à racionalidade técnica e, com isso, elevar aos altares apenas santos, não necessariamente milagrosos.

Vejo muita discussão desqualificada sobre a qualidade da qualidade total e, de repente, além de “tia” de todos os meninos e meninas, vejo-me “cliente” em toda parte. Que chateação!

Vejo o sucesso dos CDs do Pe. Marcelo e seu jeito criativo de evangelizar, mas vejo a condescendência para com a prostituição e até a sua glamourização retratadas na novela. A total distorção da difícil “vida fácil”. A mesma mídia produzindo frutos sadios e podres e a gente engolindo ambos, na pretensão de “estar bem com a vida”.

Vejo jogadores de futebol, artistas de televisão, donos da Informática podres de rico e famílias apodrecendo com míseros 180 reais.

Vejo-me sonhando com coisas que jamais elegi como belas, verdadeiras, ou, antes, necessárias, e só agora me dou conta de que também sou consumidora dos produtos da indústria cultural. Pode?

Não me lembro de tudo o que vi e já foi explicado o porquê e, entre sonhos e pesadelos, retomo a tentativa de entender o mundo, este mundo que cá está. E já foi dito que é preferível a compreensão do mundo à sua manipulação.

Vamos refletir sobre os sonhos e não sobre os pesadelos. É importante esta ressalva, porque os sonhos nos possibilitam um novo começo, os pesadelos não nos permitem caminhar (Pacios, 2000, p. 52).

Vamos sonhar! Afinal, o caos que assola o inferno da maioria é o mesmo que ronda o paraíso de alguns. Ele é, nada mais nada menos, que fruto da **crise paradigmática**. Mas, antes de falar em crise paradigmática, a lógica (formal) me ordena que, pelo menos rapidamente, tente desmaranhar o emaranhado que envolve a palavra **paradigma**.

Socorre-me Morin (2000, p. 26), o papa dos sete saberes:

O paradigma desempenha um papel ao mesmo tempo subterrâneo e soberano em qualquer teoria, doutrina ou ideologia. O paradigma é inconsciente, mas irrita o pensamento consciente, controla-o e, neste sentido, é também supraconsciente.

Tentando não deixar que meu pensamento consciente se irrite, procuro me esclarecer:

- os paradigmas são quadros de referência, perspectivas do sujeito que vê um fenômeno;
- são estruturas de pensamento; esquemas para explicação e compreensão de certos aspectos da realidade;
- são alicerces de um ponto de vista;

• são modalidades de conceber, de encarar, de focar, de abordar, de interpretar uma problemática.

Um paradigma significa um “modelo”, se simplifico a definição do físico Thomaz S. Khun, o primeiro a usar o termo no âmbito científico, em publicação que gerou muita polêmica (A Estrutura das Revoluções Científicas, 1964).

Mas, já estou alertada para o perigo da identificação de paradigma como modelo. É que com esta definição, corro o risco de pensar que o escolho livremente como uma roupa ou um par de sapatos. Ledo engano! Na maior parte das vezes, sou escolhida pelo paradigma e me torno sua presa. Por conta de um paradigma dominante, sou induzida a uma visão de mundo que não vejo, torno-me adepta de uma seita ou de uma política às quais não me filiei voluntariamente, enxergo uma realidade paradoxalmente irreal e concordo ou discordo de posicionamentos sem que saiba explicar as razões.

Por outro lado, não é certo também afirmar que os paradigmas brotam por geração espontânea, que são coisas do acaso. Daí uma outra dificuldade na conceituação dos paradigmas. Eles determinam quase tudo mas não põem a cara por nada. Camuflados, subjacentes, implícitos, embutidos, eles permeiam, perpassam... mas não se expõem deliberadamente. E por eles sou arrebatada para o bem ou para o mal.

É o que me diz Morin (2000, p. 27): “... *um paradigma pode ao mesmo tempo elucidar e cegar, revelar e ocultar. É no seu seio que se encontra o problema-chave do jogo da verdade e do erro.*”

Correndo meu olhar, vejo a tão sonhada civilização tecnológica (passagem!) em **crise**. E a crise é **paradigmática**. Não me apavoro! Não se trata de um novo vírus. No entanto, sei que é contagiosa!

Em princípio, toda crise é bem-vinda, pois prenuncia mudanças. Parece simples, mas não é. Há uma teoria do caos, disputando com a crise paradigmática, um páreo forte neste início de milênio. E vai sobrar prá todo mundo!

É complicado. E, por não ser simples, fecho a janela panorâmica pelo qual vinha olhando o mundo social, político, econômico... e me circunscrevo à janela pela qual enxergo a Educação, mais especificamente a educação superior. Se assim o faço é pela familiaridade da paisagem que se descortina, fruto da longa vivência. Nela vi o novo que hoje é velho... Nela deverei enxertar o novo que amanhã também será velho. Tudo igual! E tudo tão diferente!

Mudanças paradigmáticas ocorrem em todas as partes deste mundo globalizado e em todas as áreas de conhecimento e de práticas, ambas (partes e áreas) também já sem contornos rigidamente definidos.

Paradigmas clássicos estão sendo descartados e paradigmas emergentes disputam os espaços vagos.

Convém lembrar, com Kullok (1998, p. 13) que

LEITE, Maria Alba;  
TENTOR, Sônia  
Bastos. Paradigmas:  
reflexões em torno  
do tema. *Mimesis*,  
Bauru, v. 22, n. 3, p.  
83-92, 2001.

LEITE, Maria Alba;  
TENTOR, Sônia  
Bastos. Paradigmas:  
reflexões em torno  
do tema. *Mimesis*,  
Bauru, v. 22, n. 3, p.  
83-92, 2001.

A educação não constitui um campo epistemológico específico, o que não é nenhum desdouro, uma vez que, por sua própria natureza, é antes um campo praxeológico. A Educação é fundamentalmente uma prática de intervenção, é um processo social complexo que não pode ser apreendido e explicitado mediante categorias de um único campo epistemológico.

Dada essa sua característica, (que não deixa de ser uma dificuldade a mais para análise), a educação, ao mesmo tempo que contribui para que permaneçam os paradigmas dominantes, para que se modifiquem ou emerjam novos paradigmas, reflete paradigmas vigentes no mundo social, político, cultural, econômico...

Teixeira e Porto (1995, p. 23) esclarecem que “*mudar de paradigma significa mudar de olhar.*” Meus olhos se apavoram e se perguntam: daremos conta?

A mudança de paradigma surge em face do sentimento de que o paradigma antigo deixou de responder, adequadamente, à compreensão da realidade presente e à visão projetiva que a descontinuidade histórica me propõe. O certo é que ela está ocorrendo, o que me obriga a assumir não apenas um olhar diferente, mas uma postura diferente daquela que vinha adotando.

A questão não é sair do velho e adotar o novo. A questão é a transição, pois segundo Pourtois e Desmet (1999, p. 27), “*Nossa sociedade está marcada por ambigüidades. Modernidade e antimodernidade, eis a situação em que nos encontramos no presente.*” O modernismo já está obsoleto. Agoniza. Uns choram. Outros batem palma. De qualquer forma, a pós-modernidade já foi gestada; olhando melhor: já veio à luz.

À pergunta “Como imaginar a pós-modernidade”, os autores citados me levam à reflexão sobre dois grandes eixos que caracterizam o mundo pós-moderno: a racionalização e a subjetivação.

Relembro (e ainda vejo muitos dos seus sinais) que a modernidade se identificou plenamente com a racionalidade instrumental pela qual o homem é objeto da ciência e da técnica. Descartado como sujeito, é ignorado como ser dotado de subjetividade. Incrível que tenha necessitado de um exame dolorido de consciência, para assumir minha aceitação passiva desse paradigma perverso.

Em nome da razão, a ciência se esqueceu do homem possuidor dela, isto é, ignorou seu próprio artífice. Este é um dos grandes paradoxos que enguli por tanto tempo.

A emergência do sujeito é uma das características fundamentais da mudança de perspectiva pretendida hoje. Pretendida porque a visão racionalista subsiste e ainda é forte. Estamos em ultrapassagem, tentando desfazer a dicotomia subjetivo-objetivo, em busca de uma síntese dialética de ambos os pólos. Não se trata de privilegiar uma ou outra dessas dimensões, mas de colocá-las em diálogo. Não se trata de luta, mas de negociação.

Como bem expressam Pourtois e Desmet (1999, p. 29):

Negligenciar um (pólo) em proveito do outro revela-se perigoso, porque mutilador. Por outro lado, sabe-se como os antagonismos são portadores de riquezas e contêm em si as possibilidades de sua superação. É na perspectiva de sinergia dessas duas concepções epistemológicas e metodológicas – subjetivismo e objetivismo – que se empreendem as pesquisas científicas da pós-modernidade. Já não se opõem, mas articulam-se e integram-se. Elabora-se uma nova metodologia, incerta e desconfortável, mas muito mais promissora. [...] O reconhecimento do ator impõe-se.

Teixeira e Porto (1995, p. 26), igualmente, fazem considerações importantes neste mesmo sentido. Dizem elas:

... não se trata aqui de invalidar o paradigma clássico, mas de reconduzi-lo aos seus limites. [...] a questão paradigmática deve ser considerada a partir dos princípios da recondução aos limites e da complementaridade entre os paradigmas, fazendo com que as duas leituras paradigmáticas não se excluam mutuamente.

Parece-me correta a questão dos limites apresentada, mesmo porque os três grandes paradigmas que têm ditado as regras no mundo (o paradigma agrícola, o industrial e o tecnológico) continuam coexistindo. O mundo de hoje é uma tríade paradigmática: “*convivem, paradoxalmente, nações da era tecnológica com países ainda em processo de industrialização e povos essencialmente agrícolas*” (Pacios, 2000, p. 52).

E não se pode esquecer que “*a identificação dos limites das insuficiências estruturais do paradigma científico é o resultado do grande avanço no conhecimento que ele proporcionou*” (Santos, 1987, p. 24).

E a universidade?

Para Refkalefski (1994, p. 3):

O problema da universidade brasileira não é o excesso de corporativismo ou o excesso de política dos profissionais mas a persistência do paradigma tecnicista, que faz com que se preparem os profissionais de uma forma extremamente especializada para o mercado de trabalho (grifos nossos).

Pelo paradigma tecnicista, a educação não é vista em sua dimensão política; o relevo especial dado aos métodos e às técnicas anula seu poder transformador e ela passa a funcionar como um instrumento de manutenção do *status quo*.

A ênfase em métodos e técnicas é justificada pelo rigor científico.

Para Santos (1997, p. 32):

... o rigor científico, porque fundamentado no rigor matemático, é um rigor que quantifica e que, ao quantificar, desqualifica; um rigor que, ao objectivar os fenómenos, os objectualiza e os degrada, que, ao caracterizar os fenómenos, os caricaturiza.

É, no mínimo, chocante pensar que o ambiente universitário tenha sido (e, como vimos, para alguns ainda é) o nicho privilegiado do tecnicismo.

LEITE, Maria Alba; TENTOR, Sônia Bastos. Paradigmas: reflexões em torno do tema. *Mimesis*, Bauru, v. 22, n. 3, p. 83-92, 2001.

LEITE, Maria Alba;  
TENTOR, Sônia  
Bastos. Paradigmas:  
reflexões em torno  
do tema. *Mimesis*,  
Bauru, v. 22, n. 3, p.  
83-92, 2001.

Considerando que uma das boas estratégias para se produzir avanços ou pelo menos para vencer a histerese é desacreditar estruturas rígidas mais do que tentar novos rumos, seleciono mais três excertos de análises, de teor e perspectivas diferenciadas, e que podem contribuir para um olhar mais abrangente sobre a educação superior.

Segundo Demo (1994, p.25-6),

Nosso modelo de universidade, de modo geral, corresponde a um misto de obsolescência e ineficiência, que o torna representativo sobretudo do passado. Não tem condição real de constituir-se vanguarda do desenvolvimento, lugar privilegiado para a sociedade discutir, ensaiar e realizar seu futuro. Ao vício de um processo tendencialmente apenas reprodutivo, acrescenta-se sua burocratização paralisante, ao lado do corporativismo medíocre. Mérito acadêmico e compromisso com o desenvolvimento humano são questões quase estranhas.

Com exceções, a universidade incorpora proposta falida, cuja revisão deveria ser radical. Quando menos, custa o que não vale, na teoria e na prática.

Esta análise foi feita por Demo antes da aprovação da nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei 9.394/96). Numa obra posterior (1997, p. 85), em que comenta os “ranços e avanços” dessa Lei, em um contexto de “atrasos eletrônicos”, afirma: “*É algo muito preocupante que a Lei não se refira à informática educativa, praticando um desconhecimento inacreditável neste final de milênio*”.

Mais esperançosa é a perspectiva de Gadotti e Romão (1997, p. 33) que me informam que a crise paradigmática já atingiu a escola:

... e ela se pergunta sobre si mesma, sobre seu papel como instituição numa sociedade pós-moderna e pós-industrial, caracterizada pela globalização da cultura, pelo pluralismo político, pela emergência do poder local.

O “se pergunta” é um grande passo. É, no mínimo, um passo esperançoso, porque expressa questionamentos.

Embora o novo desestabilize e, portanto, me incomode, é fundamental não me esquecer que “*é nas certezas doutrinárias, dogmáticas e intolerantes que se encontram as piores ilusões*” (Morin, 2000, p. 86).

Sugerindo estratégias para que a escola incorpore a dimensão metodológica dos paradigmas emergentes, replica Matos (2000, p. 20):

Ora, num mundo onde se fala em múltiplas inteligências e, até, em inteligência artificial, deveríamos considerar que o estudante é, além de razão, emoção e sensibilidade. Por que não trazermos, para nosso trabalho pedagógico, a linguagem do cinema, da música, da literatura, da televisão, das artes, em geral? Por que desprezamos as dimensões da corporeidade, da afetividade, da espiritualidade, da interioridade? Pensamos que é nossa tarefa a abertura para todos os meios pelos quais os jovens expressam seus valores e sua cultura.

Pela janela que me dá acesso ao panorama da educação superior, vejo, (e Deus permita que seja esta uma das minhas visões equivocadas) que a universidade vai ter que se rebolar para dar conta desse caos. E, dar conta disso, é tarefa inerente a ela, mais do que a qualquer outra instituição.

Do mesmo modo que a crise dos paradigmas dominantes é o resultado interativo de múltiplas condições, a substituição deles vai depender, igualmente, de uma pluralidade de fatores.

As distinções dicotômicas (natural/artificial, vivo/inanimado, mente/matéria, observador/observado, subjetivo/objetivo...) estão fortemente enraizadas na concepção de pesquisa e de currículo, para citar apenas um exemplo. A propósito, é anacrônica a idéia de oposição entre curricular e extracurricular.

A multidisciplinaridade, a transdisciplinaridade, que tão bem representam um outro modo de encarar um problema ainda estão distantes da prática acadêmica. A pesquisa, comprometida com as exigências do mercado, como convém ao neoliberalismo, ainda está muito presente. Os conceitos de processo, historicidade, liberdade, consciência, auto-determinação... carecem de uma operacionalidade efetiva. As aulas (além de ainda existirem) são encaradas como momentos para se transmitir certezas consolidadas, ignorando o axioma da dúvida.

Como optei pelo sonho e não pelo pesadelo e em face de uma gama enorme de autores, das mais diferentes bases teóricas e epistemológicas, estar produzindo e disseminando um verdadeiro arsenal de guerra aos paradigmas clássicos e seus descendentes (positivismo, racionalismo, tecnicismo, reducionismo, absolutismo...), acredito que a universidade vai se tocar.

O processo é irreversível, ainda que possa ser moroso. Novas propostas paradigmáticas aí estão. Basta auscultá-las, criticá-las, selecioná-las. E a universidade tem que fazer isso como uma tarefa, um dever de casa.

Mais uma vez, busco em Morin (2000, p. 30-2) as palavras que não encontro em mim, ao cerrar, temporariamente, as janelas e as reflexões que o olhar por elas me ensejou:

... nos instalamos de maneira segura em nossas teorias e idéias, e estas não têm estrutura para acolher o novo. Entretanto, o novo brota sem parar. [...] Necessitamos civilizar nossas teorias, ou seja, desenvolver nova geração de teorias abertas, racionais, críticas, reflexivas, autocríticas, aptas a se auto-reformar.

É ao que aspiro e me proponho, como sujeito da sociedade, da universidade e da história da humanidade que, assim, caminha...

LEITE, Maria Alba;  
TENTOR, Sônia  
Bastos. Paradigmas:  
reflexões em torno  
do tema. *Mimesis*,  
Bauru, v. 22, n. 3, p.  
83-92, 2001.



## ABSTRACT

*In an autobiographical view (made possible by the emergent paradigm) and also multireferential (required by the classical paradigm), I start from a brief retrospective of facts that come to my memory. I see some aspects of the present reality and, with a few other actors, I can visualize future possibilities. On this journey, I quickly go over again the paradigm concepts and a few characteristics which distinguish the emergent from the classical ones, as well as certain evidences of the paradigmatic crisis. I focus on the educational scene, trying to obtain a portrait (yet beack and white) of the school as an institution, based on the same sub-jets as others. I finish with the hope of getting a colored image, in a rather near future.*

**Key Words:** paradigms, paradigmatic crisis, higher education

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1 DEMO, Pedro. "Crise dos paradigmas da Educação Superior". Revista *Educação Brasileira*. Brasília, v. 16, n. 32, p. 15-48, 1994.
- 2 \_\_\_\_\_. *A nova LDB: ranços e avanços*. Campinas: Papirus, 1997.
- 3 GADOTTI, Moacir; ROMÃO, José. *Autonomia da escola: princípios e propostas*. São Paulo: Cortez, 1997.
- 4 KHUN, Thomas S. *A Estrutura das Revoluções Científicas*. São Paulo: Perspectiva, 1964.
- 5 KULLOK, Maisa Gomes Brandão. "Um novo paradigma na formação de professores para o próximo milênio". *Revista Unicsul*, São Paulo: Universidade Cruzeiro do Sul, v. 3, n. 4, ago, p. 6-24, 1998.
- 6 MATOS, Junot Cornélio. "Falsas imagens de um cenário irreal". *Revista de Educação AEC.*, Brasília v. 29, n. 117, out./dez. 2000.
- 7 MORIN, Edgar. *Os Sete Saberes necessários à Educação do Futuro*. São Paulo: Cortez; Brasília:UNESCO, 2000.
- 8 PACIOS, Amáble. "Reflexões sobre o tema educar: razões para fazer e sonhar". *Revista de Educação AEC.*, Brasília, v. 29, n. 117, p. 47-56,out./dez. 2000.
- 9 POURTOIS, Jean-Pierre; DESMET, Huguette. *A educação pós-moderna*. São Paulo: Loyola, 1999.
- 10 REFKALEFSKI, Eduardo. "A universidade perdeu o bonde?". *Jornal da UFRJ*, n. 1, p. 3, set. 1994.

- 11 SANTOS, Boaventura de Sousa. *Um discurso sobre as ciências*. 9. ed., Porto: Edições Afrontamento, 1997.
- 12 TEIXEIRA, Maria Cecília Sanchez ; PORTO, Maria do Rosário Silveira. “Perspectivas paradigmáticas em educação”. *Revista da Faculdade de Educação/USP*. São Paulo: v. 21, n. 1, p. 21-36, jan. jun., 1995.

LEITE, Maria Alba;  
TENTOR, Sônia  
Bastos. Paradigmas:  
reflexões em torno  
do tema. *Mimesis*,  
Bauru, v. 22, n. 3, p.  
83-92, 2001.